



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – GUARABIRA/PB  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**ANA CLÁUDIA ALVES DA SILVA**

**O ensino de Geografia na escola fundamental e médio**

**A inserção de recursos didáticos na aula de geografia: uma  
experiência na Educação de Jovens e Adultos**

GUARABIRA – PB

2012

**ANA CLÁUDIA ALVES DA SILVA**

**A inserção de recursos didáticos na aula de geografia: uma  
experiência na Educação de Jovens e Adultos**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciatura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar

GUARABIRA – PB

2012

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586i

Silva, Ana Cláudia Alves da.

A inserção de recursos didáticos na aula de geografia [manuscrito]: uma experiência na educação de jovens e adultos /Ana Cláudia Alves da Silva. – 2012.

40 f.: il.: color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Especialista, Maria Juliana Leopoldino Vilar, Departamento de Geografia”.

1. Recursos Didáticos 2. EJA 3. Disciplina de Geografia I. Título.

21. ed. CDD 371.33

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – GUARABIRA/PB  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

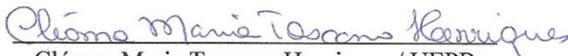
ANA CLÁUDIA ALVES DA SILVA

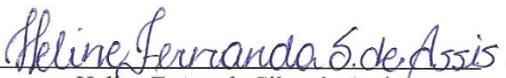
**A inserção de recursos didáticos na aula de geografia: uma  
experiência na Educação de Jovens e Adultos**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em Geografia da Universidade Estadual da  
Paraíba em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de licenciatura.

**Banca Examinadora**

  
Maria Juliana Leopoldino Vilar / UEPB  
Esp. em Gestão e Análise Ambiental  
Orientadora

  
Cléoma Maria Toscano Henriques / UEPB  
Esp. em Análise Ambiental  
Examinador (a)

  
Heline Fernanda Silva de Assis  
Esp. em Educação Ambiental  
Examinador (a)

Aprovada em 03/07/2012

GUARABIRA – PB

2012

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Severina Félix da Silva e Antônio Alves da Silva, por todos esses anos de dedicação e luta a fim de me proporcionar uma educação de qualidade.

Ao meu namorado Paulo José de Souza Júnior, pelo apoio, compreensão e companheirismo durante esse processo de conclusão de curso, DEDICO

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, ser soberano que me proporcionou tudo que tenho, dando-me forças para prosseguir nesta caminhada em busca da realização pessoal e profissional.

Aos meus pais, Severina Félix da Silva e Antônio Alves da Silva pelos cuidados dedicados a mim para que eu tivesse uma educação firmada com base nos valores e bons costumes, principalmente a minha mãe que sempre incentivou-me para que prosseguisse em meus estudos, adquirindo uma formação que possibilitasse alcançar os meus objetivos.

Aos meus irmãos José Roberto, Antônio Marcos, Fátima Kelly e Maria do Socorro pelo bom exemplo e incentivos na busca de uma formação profissional cada vez melhor.

Ao meu Namorado Paulo José de Souza Júnior, pelo apoio, compreensão e auxílio nesta etapa decisiva da minha vida.

A todos os meus professores da UEPB que contribuirão para minha formação acadêmica e principalmente a minha orientadora Maria Juliana Leopoldino Vilar, que esteve a meu lado dando-me auxílio no momento mais delicado da vida acadêmica.

A todas as minhas amigas e colegas que de uma forma ou de outra estiveram a meu lado incentivando e apoiando minhas decisões, em especial a minha amiga Aparecida (Cidinha), amiga de universidade e para toda vida, pelo companheirismo, incentivo e sua amizade tão essencial para mim.

Ao professor Genes Duarte, que mesmo não tendo mais vínculo com a UEPB sempre se prontificou para me ajudar, dispondo seu tempo para me auxiliar na definição e pesquisa do tema desta monografia; creio que no momento herdo mais um amigo.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. (Paulo Freire).

**043 – Geografia****Título: A inserção de recursos didáticos na aula de Geografia: uma experiência na Educação de Jovens e Adultos****Linha de pesquisa: o ensino de Geografia na escola fundamental e médio****Autora: Ana Cláudia Alves da Silva****Orientadora: Maria Juliana Leopoldino Vilar****Examinadores: Cléoma Maria Toscano Henriques****Heline Fernanda Silva de Assis****RESUMO**

Neste trabalho nos propomos a analisar a inserção dos recursos didáticos na aula de geografia, esta experiência se deu na Educação de Jovens e Adultos, numa turma de 5ª série do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho, colégio localizado na cidade de Guarabira – PB. O uso de recursos didáticos principalmente na disciplina de geografia é necessário, no sentido de dinamizar a aula e facilitar o processo de ensino e aprendizagem; a disciplina em questão equivocadamente é vista como uma disciplina decorativa trabalhada em cima da assimilação de conceitos; essa ideia antiquada não faz jus ao potencial da geografia; que na verdade é uma disciplina que objetiva analisar e construir novos conceitos em torno da sempre constante e inovadora relação entre sociedade e natureza. Nesta perspectiva podemos afirmar que o uso de recursos didáticos inseridos numa metodologia adequada as necessidades e objetivos da geografia e da turma em questão é o caminho a ser seguido em prol de uma aula significativa e de qualidade. Por isso uma análise é feita em torno dos elementos que compõem este processo complexo e tão necessário ao ensino de geografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Recursos didáticos – EJA – Disciplina de geografia.

**043 - Geography**

**Title: The inclusion of educational resources in the geography classroom: an experience in Youth and Adults**

**Line of research: the teaching of geography in elementary and middle school**

**Author: Ana Claudia Alves da Silva**

**Advisor: Maria Juliana Leopoldino Vilar**

**Examiners: Cléoma Maria Toscano Henriques**

**Heline Fernanda Silva de Assis**

**ABSTRACT**

In this paper we propose to analyze the integration of teaching resources in geography class, this experience took place in the Youth and Adult Education, a 5th Grade Educational Center Mouzinho Raul de Freitas, a school located in the city of Guarabira - PB. The use of teaching resources especially in the discipline of geography is necessary in order to energize the class and facilitate the process of teaching and learning the discipline is mistakenly seen as a discipline Decorative worked upon the assimilation of concepts; this antiquated idea does not do justice to the potential of geography, which is actually a discipline that aims to analyze and construct new concepts around the constant and innovative relationship between society and nature. In this perspective we can say that the use of educational resources embedded in a methodology appropriate to the needs and objectives of geography and class in question is the way to go towards a lesson meaningful and quality. Therefore an analysis is done around the elements that compose this complex process and so necessary to the teaching of geography.

**KEYWORDS:** Teaching tools - EJA - Discipline of Geography.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>FIGURA 1-</b> Foto da entrada do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho.....	28
<b>FIGURA 2-</b> Foto do corredor do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho.....	29
<b>FIGURA 3-</b> Foto da biblioteca do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho.....	29
<b>FIGURA 4-</b> Foto dos recursos didáticos do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho..	30

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 ENSINO DE GEOGRAFIA E A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS</b> .....	12
1.1 A disciplina de geografia.....	12
1.2 Recursos Didáticos: Uma Nova Roupagem Para O Ensino De Geografia.....	17
1.2.1 O tradicional e o crítico.....	21
1.3 A Educação De Jovens E Adultos (EJA).....	22
1.3.1 A geografia na educação de jovens e adultos.....	24
1.3.2 Ensino de geografia: objetivos para a EJA.....	25
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	27
2.1 Pesquisa bibliográfica.....	27
2.1 Tipo de pesquisa – estudo de caso.....	27
2.3 Aplicação de questionários.....	27
<b>3 A ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM OS RECURSO DISPONÍVEIS</b> .....	28
<b>4 UMA ANÁLISE ACERCA DO USO DE RECURSOS DIDÁTICOS E SUA IMPORTÂNCIA</b> .....	31
4.1 Analisando o uso de croquis.....	32
4.2 Analisando o uso de imagens.....	33
4.3 Analisando o uso do vídeo.....	34
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37
<b>ANEXOS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

A disciplina de geografia por muito tempo teve uma abordagem tradicional, no entanto nos últimos tempos vem passando por um processo de renovação em sua abordagem buscando torná-la mais eficaz no sentido de adequar-se as mudanças sócias ambientais ocorridas, para tanto discute-se a necessidades de uma abordagem crítica para a geografia.

O uso de recursos didáticos é outro ponto discutido nesta pesquisa, trazendo à tona sua importância e contribuição no processo de ensino e aprendizagem; também é feita uma reflexão sobre que metodologia adotar no uso desses recursos.

A Educação de Jovens e Adultos é contemplada em nosso trabalho, ressaltando os diversos momentos vividos por essa modalidade de ensino, buscando refletir sobre seus objetivos e necessidades, além de identificar suas deficiências propor alternativas que auxiliem na superação das mesmas.

Para compreendermos toda essa dinâmica que é o processo de construção de uma aula proveitosa para determinada turma, nos propomos a discutir todos esses elementos anteriormente citados, tendo em vista que tratar da inserção dos recursos didáticos na aula de Geografia como experiência na Educação de Jovens e Adultos requer um conhecimento prévio destes elementos.

Para tanto fizemos uma análise bibliográficas sobre o tema no primeiro capítulo, através de livros e artigos científicos, também uma análise da escola e dos recursos didáticos que ela dispõe foi realizada através de uma visita onde observamos e levantamos informações sobre a estrutura física e didática da escola. Por fim aplicamos dois questionários com o objetivo de extrair informações sobre a visão do professor com relação aos recursos aplicados e a aceitação e contribuição desses recursos na visão do aluno, posteriormente analisamos essas informações e extraímos algumas conclusões sobre a experiência vivenciada.

# 1 ENSINO DE GEOGRAFIA E A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS

## 1.1 A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

A geografia surge com o aparecimento do homem, já que ela estuda as relações deste com a natureza; no entanto foi com os gregos que a geografia se firmou como ciência, nessa época os filósofos que eram estudiosos de diversas áreas começa a difundir ideias sobre a terra. No início a geografia se preocupava em descrever os elementos da natureza, ou seja, o meio natural, tempos depois o homem passa a fazer parte deste estudo; tornando-se objeto de estudo da ciência geográfica a relação deste como a natureza. Mas foi com Humboldt e Ritter que surgiu a geografia moderna na Alemanha, esses dois geógrafos se uniram e realizaram trabalhos e são considerados por muitos os primeiros geógrafos. Depois surgiram vários outros geógrafos cada um trazendo suas ideias; algumas novas e divergentes, outras ideias baseadas em anteriores, entretanto todos contribuíram com o enriquecimento da ciência.

A partir das influências que esses geógrafos trouxeram para a ciência, surgem as correntes do pensamento geográfico, que são os momentos que a ciência passou ao longo da sua história dentre elas a geografia crítica, que é a quinta corrente e surge na Europa após a 2ª Guerra Mundial e se firma nos anos 50 a partir das idéias de Marx, que se difundia como resposta aos conflitos internos que se desenrolavam na Europa pós guerra. A geografia crítica surge por causa da necessidade de compreender e trabalhar com uma realidade que não mais era possível estudar a partir de uma geografia quantitativa que foi a corrente que antecipou a geografia crítica; a sociedade estava mudando e com ela vinha a necessidade de uma nova forma de ver o mundo, ou seja, uma nova geografia. No Brasil a geografia crítica aparece nos anos 70 nas universidades do país e na Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), onde ganha mais força e é no encontro da AGB realizado em Fortaleza no estado do Ceará no ano de 1978 que Ela se fixa; um dos seus mais ilustres representantes é Milton Santos, que ao voltar do exílio, ansioso por uma nova geografia, mergulha nessa perspectiva. (EVANGELISTA, 2000).

Como percebemos a disciplina de geografia passou por diferentes momentos no contexto histórico; até meados da década de 80 se apresenta como uma disciplina de

conteúdos sistematizados e desconexos, que busca transmitir os conhecimentos socialmente construídos. Nesta mesma década começa um movimento que vem debater e propor conteúdos e uma metodologia diferenciada para o ensino de Geografia, assim como para outras disciplinas; essas discussões estavam sendo promovidas pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas para o estado de São Paulo, que logo em seguida ao ser publicado o texto final influenciou a construção dos currículos escolares dos outros estados.

Nessa proposta a disciplina de geografia estava vinculada a ciência geográfica no sentido de buscar uma revisão metodológica pautada nos princípios fundadores da disciplina, esta iniciativa ficou conhecida como geografia crítica; buscando a discussão de conceitos, métodos e abordagens teóricas para os temas da disciplina de geografia, muitos estudiosos surpreenderam-se com a nova forma de pensar a disciplina.

...Alguns dos professores idealizadores da proposta explicitaram suas posições teóricas e a necessidade de novas metodologias para compreensão do espaço geográfico, com base em uma ciência que, dialeticamente buscasse a integração do arranjo espacial com relações sociais existentes em cada momento histórico. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p.71).

Daí surge às críticas e reflexões no sentido de o que ensinar, com ensinar e a questão de uma avaliação que não simplesmente averigua-se a quantidade de conhecimento absorvidos, e sim, avalia-se a construção do conhecimento.

Logo em seguida a todas essas discussões foi promulgada a LDBN/96, e a situação da educação brasileira foi bastante alterada através das decisões do Ministério da Educação e Cultura (MEC), que deu nova nomenclatura ao ensino intitulado-o de Ensino Fundamental e Médio, e criou o novo currículo para eles. Neste sentido surge os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S); que traz uma única base curricular para todo o Brasil, e justamente por isso foi alvo de críticas dos professores de geografia que alegaram ficar de fora da discussão e escolha do currículo da escola.

Segundo o MEC esse currículo foi elaborado para que todas as crianças e jovens independente da classe socioeconômica e da região que pertencessem teriam acessos aos conhecimentos considerados necessários ao exercício da cidadania, garantindo assim uma educação de qualidade a todos. Ao Ensino Fundamental adotaram na construção dos objetivos e avaliação, a divisão dos conteúdos em conceituais, procedimentais e atitudinais.

Veremos alguns dos objetivos propostos pelo PCN'S para o ensino de geografia: conhecer a organização do espaço geográfico e o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações; Identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas consequências em diferentes espaços e tempos; Saber utilizar a linguagem cartográfica para obter informações e etc.

Como sabemos, muitas discussões envolvem a definição do “objeto” de estudo da geografia, mas para Vesentini (1999), o que importa não é o objeto e sim a reconstrução permanente do mesmo, já que ele não deve ser algo delimitado e, sim, usado como base para as disputas das ciências e tendências metodológicas. Enfim, levanto essa ideia para refletirmos um pouco sobre a verdadeira crise que envolve a geografia, seja ela por causa do objeto ou pela finalidade que a geografia passa a ter no mundo atual. A educação sempre esteve intimamente ligada ao contexto histórico que a envolve, ou seja, a educação era usada para suprir as necessidades da sociedade daquele determinado momento; como na época da Revolução Industrial, que surgindo a necessidade de uma mão de obra qualificada para o trabalho industrial; surge uma educação voltada para o interesse do capital onde as pessoas eram “educadas” para o trabalho técnico, fabril e mecânico, a sociedade estava sendo moldada num ideal capitalista, no qual os hábitos e os valores da sociedade estavam voltados para as relações de consumo.

No entanto, com a chegada da revolução técnico-científico a ideia de educação também passa por mudanças, já que o cenário global e local passa por grandes transformações como na informática, na robótica e na tecnologia em geral. Tudo isto irá influenciar nas novas relações de convívio da sociedade em geral; trazendo para a educação novos desafios, e é aí que surge a geografia como a ciência que desvendará os mistérios do mundo atual tecnológico, isso porque nunca se precisou tanto conhecer e explicar os fenômenos sociais que surgem e se renovam a todo instante. Nunca antes houve tanta necessidade em compreender o espaço geográfico, e como este é o objeto de estudo da geografia, cabe a ela a difícil tarefa de decifrá-lo. Já exposto anteriormente voltamos a falar do papel da educação nesse contexto, pois se antes a educação era voltada para o ensino técnico, hoje, a necessidade é outra, pois numa sociedade onde as máquinas cada vez mais ganham espaço a educação deve ganhar um novo rumo este, que passa pelo desenvolvimento do intelectual cognitivo, da autonomia, da criticidade e da criatividade. Todos esses elementos serão importantes e imprescindíveis nas relações de trabalho que emanam do novo sistema; porque agora não

precisam mais de uma máquina humana que faça o trabalho pesado e sim de um homem capaz de se adaptar e ser inserido nesse mundo.

A geografia que passara por momentos de crise, hoje, tem um novo desafio a necessidade de uma renovação já que o mundo globalizado e tecnológico espera por ciência que analise o espaço geográfico que nos últimos tempos tem sofrido grandes transformações, a geografia deve atender a essas mudanças por isso a renovação que já caminha, embora lentamente, vem no momento mais oportuno; num cenário onde o espaço geográfico é tratado como fenômeno interno à sociedade e como um elemento componente da mesma, essa sociedade esperando por uma explicação, não mais como disciplina descritiva, de conceitos já prontos e verdades absolutas e superficiais. Surge uma geografia com poder explicativo que busca analisar a complexidade social, voltada para o diálogo. Mas para que isso aconteça o primeiro passo deve ser dado pelos próprios geógrafos que devem estar dispostos a trabalhar uma geografia crítica, sem conceitos prontos, sem verdades absolutas; uma forma livre de educar, sem induzir mesmo que de forma camuflada os alunos a seguir pelo caminho que você deseja.

Esse é caminho do educador; educar para a liberdade, para o desenvolvimento pleno do cidadão não só com vistas à educação para a cidadania, formando cidadãos autônomos, críticos e criativos capazes de pensar o novo e de travar lutas sociais em prol do que lhe parece justo; mas, para tudo isto o educador como afirma Vesentini (1999), deve se privar da sua tendência autoritária e educar para a liberdade e isto consiste em educar a si mesmo.

A necessidade de renovação da geografia é algo visível, porém as dificuldades encontradas por ela também são; isso sem falar nas relações entre a academia e o ensino médio que são bem mais intensas. Começando pelas universidades, e é lá onde tudo começa, as discussões e tentativas de redefinição de conceitos e produção de um conhecimento novo, no entanto isso não acontece em todas as universidades, essa renovação vem acontecendo de maneira desigual enquanto algumas instituições vem trabalhando esse aspecto outras mantém uma geografia tradicional praticamente indiferente ao movimento de renovação. Dá o impasse entre o renovador e o tradicional que entre outros motivos influenciam no retardo dessa disciplina, e nesse meio vamos aguardando resultados positivos que impulsionem essa renovação para que ela aconteça de verdade e o mais rápido possível. Como falei anteriormente as relações entre a academia e o ensino médio não acontece como deveriam, se a renovação da geografia encontra obstáculos na academia como, como ela irá chegar ao

ensino médio e fundamental sem um elo que ligue os dois mundos? Bem, é algo a se pensar, pois se nem todas as instituições produzem uma geografia renovada isso significa que muitos professores que iriam lecionar no médio e fundamental estão intrinsecamente ligados a geografia tradicional, isso aliado a um sistema de ensino enfraquecido no qual o professor do sistema público encontra-se limitado materialmente falando para melhorias de aperfeiçoamento e renovação, e isso perpassa no sistema privado também não no sentido de falta de recursos, mas no que diz respeito à lógica do sistema que trabalha a educação voltado para objetivos que fogem a idéia do social.

Existem algumas formas de ligação entre o que se passa na academia e o que se ensina no médio como, o livro didático, por exemplo, que e o meio comum utilizados pelos professores de geografia para se atualizar sobre suas disciplinas, sem falar nos vestibulares que trazem para os alunos do ensino médio um pouco da geografia acadêmica, outro meio são os encontros promovidos pela associação dos geógrafos brasileiros (AGB), associação esta que já passa dos seus cinquenta anos de existência e muito tem contribuído com a evolução da geografia no Brasil, com seu trabalho na área da educação promovem campos de discussão e contato dos geógrafos com suas disciplinas, porém esse trabalho não atinge todos os profissionais, é comum termos universitários geógrafos presentes nesses encontros, mas a procura por esses encontros por parte dos professores do médio ou fundamental é bastante limitada.

Sabemos que o mundo está mudando, a realidade social é cada vez mais complexa, e cada vez mais temos a necessidade de abordar esses temas de maneira diferente com uma disciplina que supra a necessidade de educar para o novo, o real; e a geografia como disciplina social e responsável por essa árdua tarefa deve estar disposta a se renovar para poder renovar o ensino.

## 1.2 RECURSOS DIDÁTICOS: UMA NOVA ROUPAGEM PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Quando falamos em recursos didáticos logo relacionamos esse termo a metodologia, e ambos seguem juntos nesse desafio que é o processo de ensino e aprendizagem, porém definir bem a relação que os dois termos citados tem entre si se faz necessário. A metodologia se refere à forma como o professor vai trabalhar um determinado tema, que procedimento ele irá utilizar para alcançar os objetivos. Já os recursos didáticos são os materiais, os recursos dos quais o professor dispõe para utilizar em suas aulas.

Todo professor ao fazer seu plano de aula deve refletir sobre como irá trabalhar determinado conteúdo e quais objetivos desejam alcançar, por isso está em suas mãos a escolha de qual o tipo de cidadão ele deseja formar.

Não são os recursos didáticos que transformam aulas de reprodução em aulas de construção. Temos que definir se queremos formar alunos copiadores ou criativos, alunos submissos ou críticos se utilizarmos pensamentos prontos ou incentivamos nosso alunos a pensar; em fim, essa decisão metodológica e do professor. (VIEIRA; SÁ, 2010, p.103).

Mais uma vez surge a responsabilidade do professor em utilizar um metodologia que vá incitar a participação do aluno e ao mesmo tempo alcançar os objetivos propostos, objetivos estes que devem ir além do conteúdo lecionado, e que atinja o aluno no seu aspecto sócio cultural.

Quando falamos em aula de geografia, a primeira idéia que vem em nossa mente é a de aula chata, decoreba e etc; e é justamente essa visão que nós educadores de geografia devemos mudar. Não só para tornar a aula mais agradável, mas também para que haja realmente um processo de construção do conhecimento. Se essa maneira de ver a geografia e ensiná-la é arcaica, imagine o quanto ela é inadequada para os dias de hoje, em uma sociedade onde as pessoas são estimuladas a evoluir e conviver com determinadas tecnologias e no entanto estão adaptados com esse estilo de vida moderno, passar boa parte de seu tempo em uma sala de aula presa a estilos tradicionais e que não contemplam a variedade de estímulos a que os alunos estão acostumados, não parece ser atraente.

Sem sombra de dúvidas, a realidade social mudou; as relações entre as pessoas e entre essas com a natureza transformou-se nos últimos tempos; e se a geografia é a ciência que estuda essas relações, buscando desvendar essa realidade para a compreensão e construção de um novo conhecimento; como negar à geografia uma nova abordagem? Buscar métodos e meio que contribuam para uma análise que se adéque a essas novas relações, é papel fundamental para o professor de geografia. Como afirma OLIVEIRA, (2009).

A adoção do uso dos recursos didáticos, para uma melhor abordagem científica do ensino da geografia, contribui para uma maior compreensão da sociedade como o processo de ocupação dos espaços naturais, baseados nas relações do homem com o ambiente, em seus desdobramentos políticos, sociais, culturais e econômicos. Nesse sentido, o ensino da geografia deve levar o aluno a sentir a sentir-se estimulado a intervir significativamente na realidade em construção, com a disposição de se construir num agente da transformação social.

Diante do que foi exposto percebemos a importância do uso de recursos didáticos nas aulas de geografia, com objetivo de dinamizar e estimular a participação do aluno. É claro que o recurso didático deve se adequar aos conteúdos trabalhados bem como estar inserido em uma metodologia que explore os benefícios que esse recurso possa trazer para determinada aula; neste caso nos referimos à maneira como esse recurso será trabalhado podendo contribuir ou não no processo de ensino-aprendizagem; pois há o risco desse recurso tornar-se apenas um acessório. Por isso é necessário que o professor conheça o recurso e saiba como utilizá-lo, tanto em relação ao seu manuseio como no caso dos recursos áudios visuais, como em relação a sua função pedagógica. Para tanto é necessário que tudo isso esteja articulado e inserido dentro de um planejamento.

Se o educador se compromete a trabalhar a disciplina de geografia com uma metodologia que foque a participação do aluno utilizando-se de recursos didáticos para alcançar os objetivos propostos, surge então um leque de opções, tais como: o vídeo, a música, o jornal e a revista, a fotografia, desenho e croquis, recursos visuais, mapas, globos, e etc. Enfim, há vários recursos que podem ser adaptados para as aulas de geografia, cada um trazendo determinada contribuição no processo de ensino e aprendizagem. Vejamos alguns exemplos.

O livro didático é um recurso que comumente o temos em sala de aula, e é também tido como tradicional e alvo de muitas críticas, se sua função se resumir a servir de guia

incondicional do professor que apenas o lê em voz alta, ou transcreve no quadro um texto ou conceito, sem que haja uma discussão compartilhada sobre o assunto seguido de uma reflexão por parte dos alunos; sim, realmente ele terá este efeito. Assim como o quadro-negro e o giz, recursos visuais são figurinhas marcadas nas escolas, também passam esta mensagem tradicionalista; porém um recurso útil se utilizado de forma correta, como expor tópicos e/ou sínteses sobre o tema discutido para fixar e organizar o conteúdo.

O jornal e a revista são recurso de fácil acesso, sua utilização estimulada a literatura e a interpretação de textos, também auxilia no estudo da realidade local trazendo temas atuais e conhecidos pela maioria dos alunos, possibilitando uma reflexão sobre as questões do cotidiano, que podem se traduzir na formação de opinião por parte dos alunos.

Um outro recurso que é pouco utilizado, mas que pode trazer grande benefício, são os jogos; esse recurso desenvolve o trabalho em grupo, ou seja, a interação social; os alunos sentem-se estimulado a participar, pois é natural do ser humano o gosto pela competição. Neste sentido temos a fala de Vieira e Sá.

Os jogos constituem um recurso pouco aplicado nas salas de aula, mas de elevado valor, por criar certa expectativa, ansiedade e entusiasmo nos alunos. O jogo em si é lúdico, desafiador, e aceito por todas as idades, tanto dentro como fora da sala de aula. Para os alunos é algo que surpreende, pois o jogo surge como um desafio às suas habilidades e conhecimentos... (VIEIRA; SÁ, 2010, p.103).

Os recursos áudio-visuais podem ser inseridos nas aulas de geografia, como por exemplo, o vídeo, que é uma ferramenta bastante atrativa por estimular vários sentidos, através de suas propriedades, som, imagem e movimento. Esse recurso possibilita o estudo das paisagens, aspectos físicos e humanos, bem como a análise dos fenômenos naturais que estão presentes em filmes e documentários. Logicamente que a escolha do vídeo pelo professor deve ser cuidadosa, levando em consideração as características dos alunos, como faixa etária, por exemplo; e se o filme contempla todos os aspectos referentes ao tema trabalhado; um outro cuidado é o de não transformar o vídeo em uma mera aula expositiva, onde os alunos assistem passivamente e não refletem sobre assuntos, neste caso apenas há uma troca do professor/expositor pelo vídeo.

E como não trabalhar com mapas e globos? Se estes recursos estão atrelados a disciplina de geografia de tal forma, a ponto de entrarmos em uma sala de aula e ao se deparar

com um mapa, imediatamente pensar, “a aula é de geografia”. Bem, este pensamento não é inadequado, já que os mapas nos auxiliam a ter uma visão geral do espaço, perceber as mudanças ocorridas, assim como adquirir a noção de localização e trabalhar essa noção quanto aos fenômenos em estudo. Desenvolver a educação cartográfica é importante no sentido de perceber o domínio espacial. Nesta óptica, nos fala Vieira e Sá.

Os trabalhos com mapas da localidade favorecem o desenvolvimento da educação cartográfica, pois os alunos conhecem os fatos e sua localização. A passagem do conhecimento concreto para a sua representação é facilitada quando o aluno consegue inicialmente mapear os fatos conhecidos. Para avançar para o nível de leitura global,... (VIEIRA; SÁ, 2010, p.112).

Neste breve relato expusemos alguns recursos que podem ser de grande valia para o ensino de geografia, claro que existem muitos outros que podem ser adaptados para o uso na sala de aula, no entanto fica claro que essa escolha é do professor, se vai usar determinado recurso ou não, e a maneira como serão utilizados no ensino de geografia.

### 1.2.1 O tradicional e o crítico

As discussões em torno da ciência geográfica têm sido bastante intensas, já que o dilema entre o objeto de estudo e a finalidade da geografia tem passado por vários momentos, momentos estes, que refletem as diversas maneiras de se pensar a geografia. Daí surge a(s) geografia(s) denominada(s) de tradicional e crítica, entre outras; no entanto estão nessas duas o foco de nossa discussão.

Na perspectiva tradicional o conhecimento é algo pronto, sistematizado, onde o professor transmite o saber geográfico para o aluno que o absorve de forma passiva; nessa teoria temos como estudo o homem e a natureza, as relações sociais e as lutas de classes não eram tidas como temas da geografia.

Já na perspectiva crítica surge uma geografia inovadora, na qual saímos da passividade para a criticidade o fazer “pensar” do aluno era o foco desse ensino; que aborda temas sociais, econômicos e culturais, também fazendo relações entre os mesmos e a realidade do aluno, na busca da construção do conhecimento de mundo por parte desses alunos. Então surgem novos dilemas sobre quais conteúdos ensinar e como ensiná-los? Esse dilema diz muito sobre o objetivo do professor como educador, pois o mesmo tem nas mãos a decisão sobre que tipo de alunos ele quer formar? Apesar de ser tão criticada a geografia tradicional ainda está bastante presente em nossas salas de aula, e a geografia crítica que surge com a proposta de renovar, por que ainda não preenche os espaços das salas de aula?

Em meio a essas indagações levanto outro aspecto da geografia já citado anteriormente, a questão dos conteúdos e das metodologias, esses ligados sem dúvida a tendência escolhida. No entanto vale lembrar que um conteúdo considerado tradicional não necessariamente será trabalhado desta forma pode ele ser desenvolvido com uma metodologia inovadora e assim dar novo significado a este conteúdo como afirma Kimura quanto cita “aspectos climáticos” como tema da geografia física e/ou tradicional, e mostra uma forma de trabalhar tal tema de maneira que o mesmo seja percebido pelos alunos ativamente e transformando-o em conhecimento adquirido (KIMURA, 2008, p.77-78).

O mesmo podemos dizer a respeito de um conteúdo considerado inovador, mas que sendo trabalhado com uma metodologia tradicional não terá o efeito de trazer algo inovador

para o aluno, nem de fazer com que este aluno adquira um conhecimento de mundo através desse conteúdo, como nos mostra Kimura.

...porém é preciso questionar: como um determinado tema considerado crítico e questionador serão compreendidos pelo aluno se este for tratado como um receptáculo vazio e dócil, o qual o professor irá preencher com o saber (crítico) transmitido? Não é esse o efeito de um curso que se desenvolve somente por meio de aulas expositivas que “repetem” oralmente um texto para os alunos ou pede-lhes simplesmente que respondam questões do livro didático? (KIMURA, 2008, p.80).

### 1.3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A educação de jovens e adultos no Brasil iniciava-se com os jesuítas em sua ação missionária para catequizar os índios; no período imperial com os pareceres de Rui Barbosa é mencionada a necessidade de educar os adultos, mesmo que prioriza-se a educação infantil. Já na república o decreto Nº 16.782-A de 13 de Janeiro de 1925, estabelece escolas noturnas para os adultos, assim como a constituição de 1934 que trás o caráter obrigatório para o ensino primário de crianças e adultos. No entanto com as modificações no mercado de trabalho, o grande percentual de adultos analfabetos começa a ser visto como um problema em decorrência do desenvolvimento visto do mercado que, na década de 40 sofria melhorias na condição do trabalho; com isso surge um momento histórico bastante favorável a educação dos jovens e adultos; momento este repleto de ações podemos citar a criação do fundo nacional da educação de adultos, dirigida por Lourenço Filho; na década de 60, a lei Nº4.024/61 estabeleceu um tipo de supletivo onde os maiores de 16 anos poderia ter o certificado de conclusão do colegial mediante prestação de exames.

Em meio a tudo isto surge às idéias de educação popular, onde estudantes e intelectuais desenvolvem novas perspectivas de cultura e educação junto aos movimentos populares. Movimentos que teve a participação de Paulo Freire, que foi a referencia principal na construção do novo paradigma teórico-pedagógico para a EJA no Brasil. Ele defendia a participação do povo na vida pública, ou seja, o exercício da cidadania e para isso a educação surgia como instrumento de conscientização dessa parcela da população; por isso a necessidade de uma educação popular organizada a partir das características dessa clientela e que valorizasse suas experiências como ponto de partida para o processo educativo; criando assim uma renovação de métodos e procedimentos educacionais. (GONÇALVES, 2009).

Com o golpe militar a proposta de Paulo Freire para a educação nacional através dos movimentos populares foi suspensa, dando início ao Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), criado pelos militares, com o objetivo de alfabetizar e dar continuidade a educação dos jovens e adultos e também foi instalado o ensino supletivo com a nova LDB em 1971. Esse movimento educacional criado pelos militares tomou grandes proporções definindo-se por todo território brasileiro, embora seu processo educacional seja baseado em uma campanha maciça de educação onde as características dos educados não eram consideradas nesse processo.

Como podemos perceber, ocorreram vários eventos que marcaram o início e os momentos que a EJA vivenciou durante seu processo histórico; no entanto expusemos leis, ações, movimentos e programas voltados para a educação de jovens e adultos, que buscavam instalar ou ampliar esse tipo de educação; mas e os discursos que buscam corrigir e/ou aperfeiçoar o processo educativo em relação a essa determinada parcela da população? É o que veremos agora.

Até a metade da década de 90 os discursos sobre a EJA efetivavam-se através dos fóruns e Educação de Jovens e Adultos, das conferências sobre este ensino e nos projetos desenvolvidos por órgãos governamentais nas diversas esferas do poder; esses debates eram naquele momento baseados ainda na LDB de 1971, e viam a Educação de Jovens e Adultos com uma preparação para o mercado de trabalho. Uma das críticas feitas era a respeito da existência ou não existência de uma política pública voltada para a EJA; ou se existiam apenas iniciativas isoladas e não articuladas a respeito deste tema.

A questão é que os fóruns de debate serviam apenas para os educadores dessa área trocaram informações sobre suas experiências como afirma Silva baseado nas entrevistas feitas com membros destes fóruns.

...Foi revelada pela entrevistada C62 que, acredita que o Fórum de EJA, na configuração em que se apresenta, poderá ser mais adiante um espaço de intervenção nas políticas públicas para a EJA no estado. No entanto, na avaliação de entrevistada G63, O fórum tem se restringido a socialização de experiências, palestras em encontros. É um espaço para reuniões, encontros, apresentações de experiências [...]. (SILVA, 2005, p.124).

Hoje a Educação de Jovens e Adultos no Brasil se traduz através do programa Brasil Alfabetizado (PBA), criado em 2003 com o propósito de garantir a cidadania e despertar o interesse dessa parcela da população para a elevação da escolaridade. Esse programa é desenvolvido em todo território nacional e priorizam os municípios com taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%, grande parte desse total está localizada na região nordeste. O MEC/FNDE repassa recursos para os municípios e estados financiarem algumas ações do programa como, formação de alfabetizadores, aquisição de gêneros alimentícios para merenda e materiais escolares pedagógicos e didáticos; além disso uma bolsa é repassada o alfabetizador que pode variar de valor dependendo da composição da turma que ele leciona. De preferência esse quadro de alfabetizadores deve ser composto por professores da rede pública, mas qualquer cidadão pode ser um alfabetizador desse programa, desde que tenha concluído o ensino médio e receba formação adequada para exercer a função.

### 1.3.1 A geografia na Educação de Jovens e Adultos

A geografia passou por vários momentos que trazem consigo características das épocas e contextos onde se formaram; o conhecimento geográfico foi construído e reconstruído várias vezes, transformado assim a forma de pensar a geografia. Como na perspectiva tradicional, onde os aspectos físicos, sociais e econômicos eram trabalhados de forma isolada sem relacioná-los entre si; assim com na geografia crítica que considera o espaço como conceito-chave; espaço esse que está relacionado à produção social, as lutas sociais e que trabalha aspectos da geografia seja físicos ou econômicos de forma relacionada, tentando não só conceituar, mas assim explicar as relações e dependências que tais aspectos tem entre si.

A questão é que, seja na perspectiva tradicional ou crítica o professor deve saber como trabalhar os conteúdos de forma que esclareça ao aluno o contexto em que tal perspectiva foi criada, se for da forma tradicional tentar superar as deficiências dessa perspectiva, como por exemplo, problematiza os conceitos geográficos que estão sendo trabalhados em determinadas situações; ou seja, perspectiva crítica que visa transformar a realidade e pensá-la de forma social trabalhando seus aspectos de forma a envolver os alunos como no caso da EJA, que são na maioria das vezes trabalhadores, então, nada melhor do que trabalhar no processo produtivo e econômico a partir de suas experiências de vida, passando por um processo de

construção individual e coletivo na sala de aula de um conhecimento que se inicia no senso comum e chega até o uso de conceitos geográficos em um “espaço” inicialmente comum a todos (local), posteriormente sendo trabalhado em uma escalar de maior abrangência. Como podemos ver na citação abaixo:

No desenvolvimento da aprendizagem dos alunos de EJA, é essencial valorizar o conhecimento já apropriado por eles, considerando as relações que estabelecem entre diferentes lugares, conhecidos seja por meio de experiências vivenciadas, seja pelas informações veiculadas por diferentes meios de comunicação e sistemas informacionais. Isto exige do professor a elaboração de problematizações a partir das quais seus alunos reflitam sobre a realidade. (GEOGRAFIA..., 2012)

Apesar de sabermos como começar este trabalho na EJA, isto não significa que vai ser um processo simples, pois o professor deve possuir uma competência pedagógica que vai além do domínio da disciplina de geografia, passando por um conhecimento sobre educação, metodologias e métodos de ensino, não desprezando a famosa psicologia da aprendizagem e claro, considerando as diferenças sociais, culturais e políticas desses alunos. Enfim dominar e/ou conhecer os componentes desse processo é essencial, assim como ter clareza sobre a real necessidade de ensinar geografia e como alcançar tal objetivo.

### 1.3.2 Ensino de Geografia: objetivos para a EJA

Para ensinar geografia é necessário estabelecer objetivos que devem estar vinculados ao dever que a educação tem em formar cidadãos conscientes que através dos conhecimentos e habilidades adquiridos sejam capazes de atuar no cotidiano de uma sociedade; assim começaremos com um dos principais temas, a cidadania, que é um direito de todos, porém nem todos conhecem bem seu real significado e nem sabem como exercê-la para que possam interagir de forma ativa na sociedade reivindicando, refletindo e expondo sua opinião sobre ações sociais, ambientais e culturais que é essencial em seu espaço de convivência. (GEOGRAFIA..., 2012, p.199).

Outro objetivo da geografia para com os educadores da EJA, é que eles consigam perceber as paisagens, os lugares e territórios de forma abrangente, trazendo consigo conceitos e procedimentos relacionados a geografia que os ajudará a desvendar essa realidade,

os espaços se apresentam de forma diversificada trazendo consigo processos naturais e humanos que explicam a construção dessas paisagens, e os alunos devem saber identificá-las.

O aluno tende a achar que a natureza é algo fixo que se apresenta de tal forma, isso é uma idéia que os alunos trazem consigo do senso comum e que deve ser vencida, já que a natureza é a dinâmica e complexa, cheia de relações que devem ser conhecidas para que possam compreender a função da sociedade na construção do lugar, da paisagem e do território. Um outro objetivo é de que esses alunos possam compreender que as melhorias das condições de vida, os direitos políticos, os avanços tecnológicos são conquistas que não fazem parte da vida de todos as ferramentas bastante utilizada nos dias de hoje, ainda existem pessoas que não tem acesso por questões financeiras e outra; então são avanços que não beneficia toda a população.

No ensino de geografia é importante que se use diferentes linguagens como gravuras, músicas, dados estatísticos e etc; além de textos que apenas descrevem as diferentes paisagens, o domínio e compreensão de tais abordagens é bastante enriquecedor para que os alunos possam observar e analisar os diferentes espaços geográficos através de diferentes recursos da pesquisa geográfica. Dentre tais objetivos existem outros que contemplam a proposta de ensino de geografia para a Educação de Jovens e Adultos. (GEOGRAFIA..., 2012, p. 201)

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

A pesquisa foi elaborada através do levantamento de fontes como livros, artigos e páginas da internet, que tratam do tema desenvolvido nesta pesquisa. Fazendo uma análise e sintetizando as ideias que cada autor defende.

### **2.2 TIPO DA PESQUISA – ESTUDO DE CASO**

Esta análise foi realizada através de uma visita feita à escola, com o objetivo de observar a estrutura física e pedagógica da mesma verificando a disponibilidade de recursos didáticos que a escola oferece para o trabalho pedagógico.

### **2.3 APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS**

Foram elaborados dois tipos de questionários um para o professor contendo três questões acerca do uso de recursos didáticos, no qual o professor deve relatar subjetivamente sua visão em relação ao recurso utilizado. No outro questionário que é voltado ao aluno, contém duas questões objetivas, no qual o aluno pode expressar sua opinião em relação ao recurso utilizado na aula.

Esses dois questionários foram aplicados no final de cada aula; essas aulas eram ministradas pelo professor que utilizava um recurso de sua escolha.

### 3 A ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM OS RECURSOS DISPONÍVEIS

O Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho inaugurado em 2002, localiza-se na Rua Henrique Pacifico, SN, no Bairro Primavera na cidade de Guarabira, Paraíba. É uma escola considerada de médio porte para a cidade em questão.

A escola é composta por 33 professores e detém um total de 1.105 alunos. Seu funcionamento abrange os três turnos; no período da manhã funciona o Fundamental I, no período da tarde o Fundamental II; e por último o período noturno, no qual funciona a EJA (Educação de Jovens e Adultos); neste último, os segmentos da educação contempladas são o Fundamental II e o Ensino Médio.



Figura 1: foto da entrada do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho  
Fonte: SILVA, Ana Cláudia Alves da, 2012

Com relação à estrutura física, o Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho é composto por oito salas de aula, uma biblioteca, cantina, secretaria, diretoria, sala dos professores, sala de computação, almoxarifado, quatro banheiros divididos em masculino e feminino; um corredor onde fica um bebedouro com quatro torneiras e um pátio ao ar livre. A Escola também possui uma quadra, onde são desenvolvidas as atividades de educação físicas e algumas modalidades de esportes como vôlei, basquete e futebol.



Figura 2 – foto do corredor do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho.  
SILVA, Ana Cláudia Alves da, 2012

No que diz respeito aos recursos didáticos que é o foco de nossa pesquisa, a escola possui uma biblioteca como citada no parágrafo anterior, porém esta biblioteca está instalada num espaço resumido onde se encontra alguns livros; mapas e globos são escassos neste ambiente. A biblioteca é usada não só como fonte de pesquisa, mas também é um espaço utilizado para atividades extracurriculares como ensaios de dança e dramatizações na escola em questão.

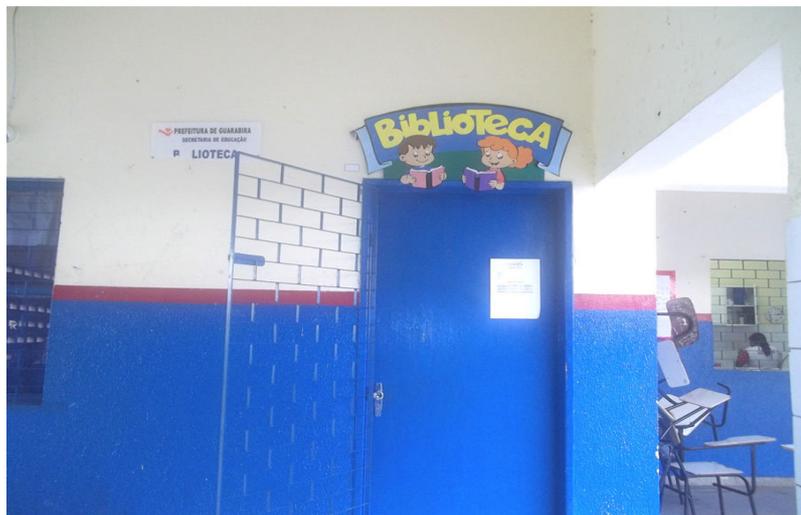


Figura 3 – foto da biblioteca do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho.  
Fonte: SILVA, Ana Cláudia Alves da, 2012

Outros recursos que a escola possui são: um aparelho de DVD que é conectado a um televisor e que ficam instalados na biblioteca, porém existe um carrinho adaptado para transportar este televisor para as salas de aula caso o professor requisite. Um data show também se encontra na biblioteca adaptado para o uso neste mesmo local, entretanto fica a critério do professor se irá usá-lo neste local ou na sala de aula.



Figura 4 – foto da sala de recursos didáticos do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho.

Fonte: SILVA, Ana Cláudia Alves da, 2012

Como podemos perceber a disponibilidade de recursos didáticos que a escola oferece é bastante restrita, no entanto, fica a cargo do professor o interesse em utilizar algum desses recursos para tornar as aulas de geografia mais atraentes.

#### **4 UMA ANÁLISE ACERCA DO USO DE RECURSOS DIDÁTICOS E SUA IMPORTÂNCIA.**

Antes de iniciarmos as discussões sobre o uso dos recursos didáticos, faz-se necessário uma apresentação dos elementos que compõem nossa pesquisa. Devemos lembrar que ao tratar os recursos didáticos, relacioná-los com a matéria é o primeiro passo, no sentido de direcionar seu uso a partir das necessidades e objetivos de matéria em questão, no nosso caso a geografia. Outro ponto crucial que embora tenha sido tratado no início da pesquisa, nesse capítulo abordaremos de maneira mais específica, estamos falando das aulas assistidas.

Nossa pesquisa foi realizada em torno de uma clientela diferenciada e para tal façanha devemos tratar deste trabalho levando em consideração as necessidades, dificuldades e características da Educação de Jovens e Adultos. A turma que inserimos os recursos e fizemos as observações trata-se de uma 5ª série da modalidade EJA, que funciona no período noturno no Centro Educacional Raul Freitas Mouzinho; esta turma é composta por 16 alunos em uma distribuição de 60% de sexo masculino 40% feminino, também observamos que a maioria, trata-se de jovens, apenas quatro alunos aparentavam ter idades mais avançadas. Em termos profissionais, a turma era eclética composta por donas de casa, trabalhadores braçais, vendedoras e etc, após este breve relato sobre as características da turma, iniciará a sequência em que foi realizada a pesquisa.

Inicialmente propomos ao professor de geografia da turma em questão, que por razões de ética não divulgamos sua identidade, para inserir alguns recursos didáticos em suas aulas com o objetivo de perceber como os alunos reagem diante do uso de diferentes recursos no processo de ensino e aprendizagem. E para averiguar essa relação entre o que o professor propõe e a aceitação por parte dos alunos, aplicamos no final de cada aula dois questionários: O primeiro questionário foi destinado ao professor de relação entre o recurso utilizado como conteúdo de geografia, a segunda questão fala sobre a participação dos alunos e a terceira pergunta contempla a contribuição do recurso para a aprendizagem. O segundo questionário foi aplicado aos alunos e contém apenas duas questões objetivas que refere-se à importância da utilização do recurso na visão do aluno e a aprendizagem por parte dos mesmos.

#### 4.1 ANALISANDO O USO DE CROQUIS

Na primeira aula foi utilizado o recurso didático croquis, para lembrar-nos um croqui, nada mais é que um desenho simples, assim como os mapas servem para orientar-nos, porém não possui legenda. A escolha do recurso ficou a cargo do professor, que no momento estava trabalhando o conteúdo “orientação cartográfica”.

Para trabalhar esse conteúdo, o professor utilizou um croqui que representava a área central de uma cidade, nesse desenho tinha vários estabelecimentos como escola, hospital, clube, sorveteria e etc, cada um estando em um determinado sentido; junto a esse croqui uma rosa-dos-ventos também foi utilizada sendo posta em cima do croqui para que ficasse claro os conceito de orientação através da localização de cada estabelecimento representado no desenho.

Com relação ao questionário do professor a primeira pergunta se refere à relação entre o recurso didático e o conteúdo de geografia, assim como sobre sua utilização. Na visão do professor quando se trabalha a questão de observação do espaço e suas diversas formas é necessários o uso de imagens, croquis e desenhos e com o auxílio de uma rosa-dos-ventos torna-se mais compreensível o sentido de orientação e localização.

Já na segunda pergunta que indaga sobre a participação dos alunos; o professor afirma que sim, pois o recurso desperta a atenção dos alunos em relação aos exercícios tradicionais, e que sua participação é maior quanto à observação e utilização das imagens. A terceira pergunta está relacionada à contribuição do recurso para a dinâmica da sala no que diz respeito ao aprendizado do aluno; nesse sentido o professor faz menção ao distanciamento que vários alunos tiveram da escola durante vários anos, e por isso suas dificuldades são maiores; no entanto ele afirma que quando usa imagens, desenhos e gráficos e aprendizado é satisfatório, pois os conceitos abstratos tornam-se mais compreensíveis quando utiliza croquis na leitura de paisagens e lugares, ou seja tais conceitos ficando visíveis, tornam-se simples a sua aferição por parte dos alunos é maior.

No segundo questionário, aquele destinado ao aluno como citamos anteriormente é composto por duas questões objetivas, as quais remetem a importância do uso do recurso didático na aula e a contribuição do mesmo para a aprendizagem. Com relação à primeira

questão todos os alunos presentes na aula afirmaram que “Sim”, que a utilização do croqui foi importante para aula e, referindo-se a segunda questão 93% dos alunos concordaram que o croqui facilitou a aprendizagem e 7% dos entrevistados disseram que não.

#### 4.2 ANALISANDO O USO DE IMAGENS

Ao trabalhar os conceitos de espaço natural e espaço geográfico, o professor optou por utilizar algumas imagens que traziam várias paisagens. Essas imagens segundo o professor são necessárias para que o aluno consiga ler as paisagens reconhecendo os conceitos entre paisagens naturais e paisagens modificadas, através da visualização das mesmas.

E quanto à participação dos alunos em sua resposta o professor deixa claro que eles se interessam mais e participam quando se trata desse recurso, como percebemos em um trecho da resposta do professor “... eles se interessam pela utilização das imagens por ser um recurso mais dinâmico e atrativo do que as leras ou textos extensos, reconhecemos a importância dos textos, mas a aprendizagem mais motivadora se dá pelas imagens”.

Já tratando da dinâmica e aprendizagem do aluno, em sua visão o professor diz que o recurso possibilita um melhor aprendizado, pois ao trazer diferentes paisagens é como se trouxesse fragmentos da realidade para dentro da escola e isso facilita a aprendizagem.

No questionário do aluno, podemos perceber que a opinião não é diferente da expressada pelo professor, mais uma vez é unânime a afirmação por parte dos alunos quando se referem à importância da utilização do recurso, assim como a contribuição do mesmo para a aprendizagem

### 4.3 ANALISANDO O USO DO VÍDEO

O vídeo foi o último recurso utilizado na pesquisa feita, ainda tratando do conteúdo espaço geográfico e natural, que agora é abordado com o uso de um recurso diferente do tópico anterior, isso nos mostra que o mesmo conteúdo pode ser abordado de diversas maneiras e com vários recursos. O vídeo utilizado era o filme intitulado de “Os sem floresta”; uma animação que mostra a rotina dos animais em paisagens diferenciadas, ou seja, uma demonstração dos tipos de espaços existentes.

Para o professor os vídeos trazem imagens mais dinâmicas, devido ao movimento e som atrelados a elas. Também apresentam os espaços modificados avançados em detrimentos os espaços naturais dos animais, fazendo assim uma comparação visível entre os dois conceitos.

A participação dos alunos foi interessante no sentido da coletividade, pois quando estavam respondendo um questionário semi estruturado feito pelo professor após a exibição do filme, um debate voluntário por parte dos alunos iniciou-se em torno das possíveis respostas do questionário sobre o filme. Daí percebemos a dinâmica da sala em consequência ao uso de um recurso que raramente é utilizado nas aulas, nesse sentido o professor afirma que “... a exibição em vídeo possibilita uma linguagem mais acessível e dinâmica para o ensino de conceitos que nem sempre são compreendidos com os textos”.

Os alunos também demonstraram sua preferência pelo uso de diferentes recursos nas aulas de geografia, pois 93% dos alunos admitiram que acham importante essa utilização, assim como o mesmo percentual afirmaram que conseguem aprender mais facilmente com esses recursos, já 7% afirmaram que não.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto ao longo desta pesquisa, podemos considerar alguns pontos essenciais na construção de uma aula motivadora como citamos várias vezes anteriormente, o uso de recursos didáticos deve ser pensado em consonância com a metodologia. Por incrível que pareça ainda existem educadores que não distinguem uma coisa da outra, cometendo o erro de não relacioná-las; outros são conscientes de que são duas coisas distintas, porém que precisam ser articuladas.

No tópico sobre o tradicional e o crítico discutimos a ideia sobre o uso de recursos didáticos e metodologias que tanto podem ser trabalhados de maneira tradicional como de maneira crítica. A escolha da metodologia em que estará inserindo o recurso fica a cargo do professor, assim como o recurso a ser trabalhados e articular esses dois pontos no sentido de uma determinada disciplina (geografia) não é uma tarefa simples; é necessário um comprometimento do professor com o ensino e a consciência de que se esforçar para fazer o melhor é necessário principalmente quando nos deparamos com certas dificuldades que são inerentes ao processo educativo.

Muitos se fala sobre o descaso em relação à educação pública, colocar a culpa no professor é um discurso bastante conhecido, no entanto, as dificuldades que o mesmo encontra nas diversas situações da sua vida profissional só ele conhece a sabe lidar, sejam elas de cunho material quando se depara com um ambiente desprovido de recursos materiais e/ou, quando se trata de uma clientela com dificuldades específicas.

No caso desta pesquisa, trabalhamos com a Educação de Jovens e Adultos, uma clientela sujeita a diversas situações as quais, interferem na construção de um ensino de qualidade. Um exemplo é o fato da maioria desses alunos trabalharem o dia todo e geralmente em serviços pesados, ocasionando um cansaço físico que compromete seu desempenho na escola; sem falar nos anos que passaram distanciados dela, isso é outro fato que influencia, por que ao retornarem a sala de aula estranham o ritmo e a articulação do processo educativo, estão “enferrujados” como se fala no popular e nesse caso há uma dificuldade em adquirir alguns conceitos abstratos por exemplo.

E nessa perspectiva percebemos a necessidades de trabalhar com recursos que auxiliam na construção de uma aula motivadora, que vença o cansaço e as dificuldades que esses alunos têm em absolver determinados conceitos quando os mesmos são trabalhados de forma abstrata e/ou textual; aproximar o aluno desses conceitos através de imagens, vídeos, trazendo para sala de aula realidades vivida e conhecidas por eles é o caminho mais seguro na construção do processo de ensino e aprendizagem.

Em síntese, analisar todo esse processo requer um conhecimento prévio dos elementos que compõe o mesmo. É necessário saber manipular os recursos didáticos e determinar o tratamento que lhe será dado, ou seja, a metodologia a ser trabalhada; diante dessa escolha o segundo passo é considerar as necessidades e dificuldades da turma em questão; também vale salientar, que os recursos devem ser pensados de acordo com os conteúdos de geografia e os objetivos a ser alcançados. No entanto, articular todos esses elementos em prol de um bom trabalho é algo que raramente é feito, pois tudo isto inicia-se quando o professor se compromete com o ensino dispondo-se a fazer a diferença.

## REFERÊNCIAS

EVANGELISTA, Hélio de Araújo. *A Geografia crítica*. In Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Ano II, Nº 2, Set. 2000. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/geografiacr%>> Acesso em: 14 Out. 2011.

GEOGRAFIA, *Geografia na Educação de Jovens e Adultos*. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2\\_geografia.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2_geografia.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2012.

GONÇALVES, Jane Terezinha Santos. *Alfabetiza Brasil: Manual do Alfabetizador*. – 2ªed. – Curitiba: Módulo, 2009.

KIMURA, Shoko. *Geografia no ensino básico: questões e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Maria Luiza Tavares de. *Ensino de Geografia na contemporaneidade: O uso de recursos didáticos na sua abordagem*. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG), 2009, Porto Alegre,RS. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(51\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(51).pdf)> Acesso em: 16 abr. 2012.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *Para ensinar e aprender Geografia/ Nídia Nacib Pontuschka, Tomoko Iyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete*. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Eduardo Jorge Lopes. *Fórum de Educação de Jovens e Adultos. Uma nova configuração em movimentos sociais*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

VESENTINI, José William. *Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação*. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko eT al. (org). *Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado* – 2ªed. – São Paulo: Contexto, 2010.

**ANEXOS**

**Universidade Estadual Da Paraíba**  
**Centro de Humanidades**  
**Campus III**  
**Departamento de Geo-História**  
**Curso de Geografia**  
**Disciplina: TCC**

**Questionário do professor**

1. Qual a relação entre o recurso didático e o conteúdo de geografia? Como foi utilizado?
2. Os alunos participaram da utilização do recurso?
3. O recurso facilitou a dinâmica em sala de aula, no que diz respeito ao aprendizado do aluno?

**Universidade Estadual Da Paraíba**  
**Centro de Humanidades**  
**Campus III**  
**Departamento de Geo-História**  
**Curso de Geografia**  
**Disciplina: TCC**

**Questionário do aluno**

1. Você achou importante a utilização do recurso didático na aula?

Sim

Não

2. Com esse recurso você consegue aprender com facilidade?

Sim

Não